



O homem que planta árvores

Para António Campar

O homem que planta árvores

Para António Campar

Organização:

BEATRIZ MARQUES
FÁTIMA VELEZ DE CASTRO
IRENE VAQUINHAS
LÚCIO CUNHA
RITA MARNOTO



ISBN: 978-972-9220-55-5



9 789729 220555

O homem que planta árvores

Para António Campar

Organização:

BEATRIZ MARQUES
FÁTIMA VELEZ DE CASTRO
IRENE VAQUINHAS
LÚCIO CUNHA
RITA MARNOTO



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA



CEGOT
Centro de Estudos de Geografia
e Ordenamento do Território

Título: *O homem que planta árvores. Para António Campar*

Organização: Beatriz Marques, Fátima Velez de Castro, Irene Vaquinhas, Lúcio Cunha, Rita Marmoto

Local de edição: Coimbra

Edição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Departamento de Geografia e Turismo, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

1.ª edição: 2021

ISBN: Em falta

Depósito Legal: 488500/21

Créditos da fotografia da contracapa: Norberto Santos

Apoio:

CEGOT
Centro de Estudos de Geografia
e Ordenamento do Território

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:
COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMPETITIVIDADE E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020

 **UNIÃO EUROPEIA**
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

POCI-01-0145-FEDER-006891

Para que o caráter humano revele qualidades verdadeiramente excepcionais, temos de ter a boa sorte de ser capazes de observar o seu desempenho durante muitos anos.

Se esse desempenho é desprovido de egoísmo,
se o seu propósito é uma generosidade inigualável,
se há a certeza absoluta de que não existe uma ideia de recompensa
e que esse propósito, além do mais,
deixou a sua marca visível na terra, não haverá engano.

Jean Giono (2017). *O Homem que plantava árvores*, p. 9.

Sumário

Nota Prévia	9
António Campar de Almeida. Um Mestre para a vida	11
ALÍRIO PINHO; ANTÓNIO FRANCISCO FERREIRA; JOSÉ LUÍS RIBEIRO; JOSÉ MIGUEL MEDEIROS; MARIA OLÍMPIA GOUVEIA	
A relação interdisciplinar entre geólogos e geógrafos: revisitando Anselmo Ferraz de Carvalho	13
ANABELA MARTINS RAMOS	
Divisão Judiciária do Território e Geografia na Legislação Portuguesa (O Estranho Movimento Pretercopernicano de Rios e Concelhos)	16
ANTÓNIO ALBERTO VIEIRA CURA	
O geógrafo, a mãe e a criança	21
ANTONIO CARLOS VITTE	
Doutor António Campar de Almeida. Palavras sentidas	22
ANTÓNIO DOS SANTOS JUSTO	
Para ti, Amigo Campar, a prova da nossa amizade	25
ANTÓNIO FERREIRA SOARES	
Os espaços verdes urbanos no município de Guimarães: um contributo no quadro da candidatura a Capital Verde Europeia	26
ANTÓNIO VIEIRA; ANTÓNIO BENTO-GONÇALVES; FRANCISCO COSTA	
António Campar	32
ANTÓNIO XAVIER COUTINHO	
Raízes de uma longa amizade	34
CLAUDETE OLIVEIRA MOREIRA	
António Campar de Almeida, um retrato de amizade	36
CRISTINA CASTELA NOLASCO; HELENA CARVALHO; LUCÍLIA GOUVEIA; MARIA ADELAIDE GONÇALVES; MARIA DOS SANTOS FERNANDES; MARIA DA NATIVIDADE CRUZ	
Homenagem a António Campar	40
CRISTINA MARTINS	
Fragmentos de um diário argelino	41
CRISTINA ROBALO CORDEIRO	
Ao António Campar – o Amigo Certo de todas as ocasiões	46
DELFIN LEÃO	
O lugar, a poesia, a viagem: périplos de uma geografia sentimental	48
FÁTIMA VÉLEZ DE CASTRO	
O Professor António Campar	52
FRANCISCO GIL	

Uma homenagem singela ao Colega Campar	53
GRAÇA RIO-TORTO	
Paisagem cênica em Portugal – Notas de Campo.	55
HUMBERTO YAMAKI	
Viagens à roda de Portugal a bordo da “Pileca”	61
IRENE VAQUINHAS; DINA DE SOUSA	
Uma admiração que nunca ‘meteu água’	63
ISABEL PAIVA	
Geografia(s) e Direito(s): a rocha da <i>philia</i> e as movimentações areníticas da(s) vida(s). Na aposentação do Doutor António Campar de Almeida	65
JOÃO CARLOS LOUREIRO	
Comportamentos linguísticos em meios urbanos cosmopolitas.	79
JOÃO CORRÊA-CARDOSO	
Os solos que somos e percorremos. Texto de homenagem ao Professor-Doutor António Campar de Almeida	85
JOÃO LUÍS J. FERNANDES	
À mesa com o Campar	89
JOÃO PAULO MOREIRA	
Fernão de Magalhães, especiarias e geografia	91
JORGE PAIVA	
Caro António Campar...	95
JOSÉ ALBERTO RIO FERNANDES	
A curiosidade do académico e do camponês	98
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES	
Assim te vejo, António Campar, assim te vejam, Estimado Colega	101
JOSÉ GOMES DOS SANTOS	
Partir/Geografias	103
JOSÉ LUÍS PIRES LARANJEIRA	
Singelo tributo sobre um passado que deixou memórias	104
LUCIANO LOURENÇO	
António Campar de Almeida: geografias de um companheiro de tantas jornadas	109
LÚCIO CUNHA; FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO; RUI JACINTO; LUCA DIMUCCIO	
Memórias dos tempos de Coimbra e os ecos dos oitenta	116
LUÍS PAULO MARTINS	
Porque a Gândara está nos nossos corações...	123
MARGARIDA OLIVEIRA	
Campar e a geografia linguística.	125
MÁRIA APARECIDA RIBEIRO	
Um amigo para sempre... Um raro espírito superior	126
MÁRIA BEATRIZ MARQUES; ANABELA LAPA	
Nótula de Toponímia e Antroponímia: Aguiem e António Campar de Almeida.	128
MÁRIA CARMEN DE FRIAS E GOUVEIA	

Campar?	136
MARIA DE FÁTIMA GIL	
A agricultura – um grande passo civilizacional. Teofrasto, História das Plantas	137
MARIA DE FÁTIMA SILVA	
ViajARTE com Campar pelos Quatro Cantos da FLUC.....	142
MARIA JOÃO SIMÕES	
Da importância de acolher O Outro.....	144
MARIA JORGE FERRO	
Para o António Campar	146
MARTA ANACLETO	
Afogando as nascentes	147
MESSIAS MODESTO DOS PASSOS; DIOGO LAÉRCIO GONÇALVES	
“Saber a quantidade do mundo e considerar sua grandeza”: geografia e descobrimentos portugueses	153
NAIR SOARES	
António Campar de Almeida. Recordatório	158
NORBERTO SANTOS	
Relevância patrimonial da paisagem.....	160
PAULO CARVALHO	
As dunas móveis e a restinga fixa do Tombua (Sudoeste de Angola) num contexto geográfico único.....	166
PEDRO A. DINIZ; PEDRO M. CALLAPEZ	
Campar de Almeida, entre a Geografia e a Figueira	172
PEDRO M. CALLAPEZ; ANTÓNIO FERREIRA SOARES; PEDRO A. DINIZ; JÚLIO F. MARQUES	
The Quiaios dunes and lakes. Landscape development and vegetation history	175
RANDI DANIELSEN	
As árvores são só aquilo que são. As árvores de Italo Calvino	180
RITA MARNOTO	
Por essa Voz além. Conto	185
ROSÁRIO MARIANO	
A amizade faz-se caminhando!	189
RUI DAMASCENO RATO	
Uma Geografia da Memória na Memória da Geografia. Saída de campo à Serra da Boa Viagem	190
SUSANA SILVA	

Nota Prévia

A publicação de um livro de homenagem é, tradicionalmente, um reconhecimento dos pares pelo contributo de um/a determinado/a indivíduo/a para o desenvolvimento científico e/ou pessoal de uma comunidade. É, igualmente, um registo para memória futura de uma personalidade, de uma carreira, de uma vida que apoiou a evolução de uma organização, de uma área, de uma “tribo”... que se revê nos ensinamentos, conselhos, opiniões, descobertas de alguém...

Ora, tratando-se do António Campar de Almeida, a iniciativa tinha de ser informal e envolver uma grande índole afetiva.

Por isto, um pequeno grupo de Amigas e um Seu grande Amigo de longa data, tiveram a iniciativa de convidar alguns e algumas amigos/as, desde colegas, alunos e alunas do Seu Departamento, da Universidade de Coimbra, a outros e a outras que, *aquém e além mar*, se foram cruzando com ele durante mais de três décadas, e que, de uma forma ou de outra, nutrem um carinho especial pela sua Pessoa.

A natureza interdisciplinar da Comissão Organizadora é, *per se*, ilustrativa da personalidade multifacetada e eclética do nosso querido Amigo Campar... um Homem de Letras, de Ciências, de pensamento humanístico.... que queremos manter ativo nas nossas vidas... continuando a vê-lo ensinar, investigar, passear, almoçar...

Neste contexto, sabemos que mais do que uma recolha de textos científicos, o Campar gosta e merece manifestações de amizade e de afetos que testemunhem o reconhecimento, o carinho e a admiração que temos por um Homem bom, íntegro, sincero e AMIGO, daí a enorme diversidade de contributos recolhidos.

A apresentação deste livro no dia do seu aniversário, 4 de Outubro de 2021, pouco tempo depois da sua “saída” de funções docentes pretende ser uma singela oferta por tudo o que ele nos deu. Um livro sobretudo da amizade, de afetos e de admiração, polvilhado, aqui e ali, por cultura, tal como ele tanto aprecia. Na luta contra as amnésias (as institucionais e outras), a amizade recupera memórias felizes e o exemplo de quem temos marcas enriquecedoras.

A terminar, impõe-se agradecer às entidades que tornaram possível esta publicação: à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao seu Departamento de Geografia e Turismo e ao Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT).

Meu/Nosso Querido Amigo António Campar de Almeida. Obrigada/o por seres quem és e pelas árvores que plantas.

As árvores são só aquilo que são. As árvores de Italo Calvino

RITA MARNOTO

Em regra, quando diminui a heterogeneidade da paisagem, diminui a sua qualidade, portanto baixa o valor do recurso.

António Campar de Almeida, “Paisagens: um património e um recurso”

A paisagem literária e ensaística de Italo Calvino é povoada por árvores dos mais variados portes e com as mais diversas formas, que invariavelmente captam sentidos axiais da visão do mundo partilhada por um escritor que tem vindo a deixar marcas indeléveis no pensamento contemporâneo. “Alberi e pietre sono soltanto ciò che sono” — escreve Calvino em *Le città invisibili*, ao descrever a cidade de Tamara. Nesse romance, as cidades organizam-se por séries (“Le città e la memoria”, “Le città e il desiderio”, etc.), dispostas de acordo com uma estrutura que se pode considerar em árvore. É extraordinariamente sintomático, pois, que Tamara seja a primeira cidade de uma série sobre a comunicação, “Le città e i segni”. Assim é evidenciado o lugar proeminente que, no universo dos sinais, o escritor atribui às árvores. As árvores, que à semelhança das pedras são aquilo que são, distinguem-se, na sua obra, como elemento de comunicação privilegiado, pela transparência com que transmitem valores e sentidos simbólicos.

Calvino conhecia bem as árvores e a taxonomia de Lineu, não por ter vivências rurais, mas por ter nascido e crescido entre estações de experimentação botânica e entre fichas de espécies vegetais. Ele mesmo ironizava, a esse propósito, quando dizia ter nascido numa cabana, rodeado por plantas viçosas.

Seu pai, Mario Calvino, era agrónomo, e sua mãe, Eva Mameli, foi a primeira mulher, em Itália, a doutorar-se em Botânica (1915) e a reger o ensino dessa área científica numa universidade, a Universidade de Pavia. O jovem casal viveu cinco anos em Cuba, onde Mario Calvino já anteriormente dirigia um programa de cultivo de cana de açúcar, e foi nessa ilha que Italo nasceu, em 1923. Dois anos depois a família regressava a Itália. O pai iria dirigir a nova Stazione Sperimentale di Floricoltura Orazio Raimondo, de Sanremo, e a mãe o Jardim Botânico da Universidade de Cagliari, na sua Sardenha natal, dando continuidade à carreira académica. Em 1927 nasce o segundo filho, mais precisamente Floriano, que viria a ser um destacado geólogo da Universidade de Génova.

Na senda de uma tradição de família, Italo Calvino, ao iniciar os seus estudos universitários em 1941, inscreveu-se na Faculdade de Agrária da Universidade de Turim, passando depois à Universidade de Florença. Contudo, apesar de quase ter completado o curso, nunca o veio a terminar. Para escapar ao recrutamento da Repubblica di Salò, emboscou-se nas montanhas, tendo-se posteriormente juntado à brigada de *partigiani* Garibaldi com o nome de código Santiago, a cidade cubana onde nascera. Terminada a guerra, viria a licenciar-se em Letras com uma tese sobre Joseph Conrad.

O amor pelas árvores, aliado a uma prática e a um convívio de proximidade com o seu tratamento, à bagagem científica que detinha no campo da dendrologia e a um profundo conhecimento da simbologia, do sentido alegórico e das efabulações antropológicas próprias de cada espécie, fazem dessa categoria botânica um motivo extraordinariamente representativo da sua escrita. Nas várias cidades onde viveu, Calvino escolhia sempre habitações com um orto, do qual ele mesmo tratava. Quando tal não era possível, nunca dispensava um canteiro de flores ou plantas envazadas, por mais minúsculo que o espaço fosse.

Aliás, a botânica é uma das áreas da ciência que mais firmemente se apoia na sistematização taxonómica, e também nesse âmbito as fichas de género e espécie entre as quais cresceu deixaram marcas indeléveis no viveiro das suas ideias. O confronto entre, por um lado, a ordem e a sua necessidade e, por outro lado, a constante mutação das espécies e as deformações que vão sofrendo polarizou grandes questões de ordem epistemológica e gnosiológica que o seu pensamento articula. Nelas radica o cerne em torno do qual se foi desenvolvendo aquele diálogo entre estruturalismo e pós-estruturalismo, do qual a bom título é considerado um dos mais lúcidos protagonistas.

No seio de uma obra vasta, em que se multiplicam referências e reenvios para árvores de todas as categorias, recordo um conto e um romance.

O primeiro, “Il bosco sull’autostrada”, faz parte do livro *Marcovaldo ovvero Le stagioni in città* que saiu pela primeira vez em 1963. O volume reúne vinte e nove contos destinados a um público juvenil e dotados de uma densa carga simbólica. O seu protagonista, Marcovaldo, encarna a condição suburbana do habitante das periferias. Marcovaldo trocou a ruralidade nativa por um emprego numa fábrica que lhe permitisse sustentar uma família numerosa, com sete filhos. A cidade que habita não é especificada, mas o seu dia-a-dia espelha bem as condições de vida daquela massa migratória meridional que, na Itália do *boom* económico do pós-guerra, foi atraída pelas cidades industrializadas do Norte.

Tudo se passa numa noite de Inverno gélida em que a lenha acabou. Uma memória ancestral diz a Marcovaldo que a lenha se recolhe em sítios onde há árvores. Sai de casa e, por entre ruas de quarteirões desertos, vislumbra o jardim público, onde consegue algumas achas. Mas quando regressa já a fogueira crepita. Uma das crianças tinha ficado a ler um livro da biblioteca escolar que dizia que a lenha se

apanhava nos bosques. Animados pela informação, os miúdos tinham saído em magote, caminhado e caminhado à procura do tal bosque, até saírem do casario e chegarem à auto-estrada. Foi aí que encontraram o bosque, árvores de fustes finos e perfeitos, rigorosamente verticais e lisinhos, com copas que mostravam imagens de pasta de dentes, queijo, garrafas e pneus, misturadas com letras do alfabeto que aprendiam na escola. Encantados com a beleza e a proficuidade do que para eles era um bosque, os pequenos tinham trazido para casa bons toros de cartazes publicitários. Marcovaldo, pressuroso guardião do conforto familiar, logo correu pela noite fria até ao bosque da auto-estrada, para um novo aprovisionamento. Uma queixa tinha sido entretanto apresentada, e o polícia de serviço, Astolfo, nome tomado de empréstimo ao paladino de Ariosto, chegou ao local do incidente no preciso momento em que o pai de família se encontrava pendurado num cartaz publicitário. Também o guarda nocturno Astolfo tinha as suas particularidades, bem humanas e bem infiltradas no sistema de vigilância que servia. Era míope, mas para não desmascarar uma deficiência que o poderia levar a perder o emprego não usava óculos. Por isso, o Marcovaldo petrificado pela sua chegada, imóvel, serra na mão, pendurado na orelha de uma grande cabeça, suscita-lhe a mais sincera admiração. A ideia de colocar alguém com uma serra na mão, a cortar ao meio uma cabeça, num cartaz que publicitava comprimidos para a hemicrânia, pareceu ao guarda nocturno francamente *ben trovata*.

No halo através do qual Italo Calvino ilumina as supostas árvores daquele suposto bosque, projectam-se, numa escala engrandecida, quer as condições de vida de cidades cuja historicidade é destruída por uma suburbanidade invasora, desqualificada e desqualificante, quer a as condições de vida de quem confunde uma urbanidade dignificante com uma ruralidade artificial e desapossada de recursos. Entre a árvore que é só aquilo que é e a auto-estrada que liga a cidade ao campo e vice-versa, não há soluções de continuidade. Nem as árvores que Marcovaldo conheceu, nem as árvores dos bosques que as crianças lêem existem nas periferias suburbanas. Clarividente, Calvino serve-se desse desencontro entre o ser humano e a árvore para denunciar a degradação de uma relação e, com ela, uma disfunção que desde o pós-guerra não tem deixado de alastrar. Bastará ultrapassar o anel urbano de cidades como Lisboa, Almada, Porto ou Coimbra para perceber a entropia causada pela ausência de um sistema organizador.

A outra obra de Italo Calvino que chamo à colação é o romance *Il barone rampante*, de 1957. É a segunda peça da trilogia que em 1960 designou como *I nostri antenati*. A história do barão trepador dialoga não só com Ariosto, mas também com as aventuras do barão de Münchhausen, com a Alice do país das maravilhas ou com o Tolstoi de *Guerra e paz*, sob o filtro de uma ironia crítica própria do conto filosófico iluminista.

Tudo começa no dia 15 de Junho de 1767, ao meio-dia, quando o barão Cosimo Piovasco di Rondò, então com doze anos, comete um acto de desobediência grave,

ao recusar-se a comer, terminantemente, o prato de caracóis que lhe é servido. Sendo repreendido, sobe pelos ramos da grande azinheira que as janelas do palácio enquadram, para nunca mais voltar a pisar terra durante toda a sua vida. Da azinheira passará para o ulmeiro, do ulmeiro para a magnólia, e assim irá percorrendo várias espécies lenhosas. Prefere as faias e os carvalhos, porque os ramos finos e muito juntos dos pinheiros não oferecem apoio. É nas árvores que participará nos movimentos sociais que abalaram o seu tempo e que entrará em contacto com Voltaire, autor de *L'ingénu*, que saiu nesse mesmo ano de 1767, com Rousseau ou com Napoleão, é nas árvores que terá as suas histórias de amor. Velho e doente, com 65 anos, do ramo mais alto de uma enorme noqueira agarra a âncora de um balão que voava a baixa altitude e desde então nunca mais foi visto.

A suspensão nas ramadas separa do mundo, ao mesmo tempo que oferece a possibilidade de olhar até mais longe, tirando partido das diferentes espécies lenhosas, de modo a desfrutar um panorama de conjunto que permite aceder a um grau de conhecimento superior. Por um lado, a observação à distância é a condição do intelectual que, apartado na sua lonjura, vai analisando a realidade sem nela intervir. Por outro lado, o barão trepador conseguiu criar um sistema de valores próprio, planear a organização cívica e fazer análise social, sozinho, no cimo das árvores. Dos fustes lisos que em *Marcovaldo* incentivam ao consumo, passa-se, em *Il barone rampante*, à profusão aérea de espécies, ramadas e ideias.

Na sua última década de vida, Italo Calvino desdobrou-se em viagens por outros continentes. O ano de 1976 foi particularmente movimentado. Esteve nos Estados Unidos, a instâncias do College Amhest e da Johns Hopkins University, passando depois ao México, e em Novembro foi ao Japão, a convite da Japan Foundation. Assim continuou a colecionar histórias de árvores, algumas das quais foram depois recolhidas em *Palomar* (1983) e *Collezione di sabbia* (1984).

Quando em Quioto viajava pela zona das tradicionais cortes japonesas de há doze séculos, o condutor do táxi apontou entusiasticamente para uma árvore encastada na paisagem urbana. Um imperador tinha-se enamorado de uma mulher tão bela como distante, que o pôs à prova dizendo-lhe que depois de lhe declarar o seu amor cem vezes ela o aceitaria. O imperador repetiu o trajecto que o trazia do seu palácio distante noventa e nove dias seguidos, plantando uma árvore em cada um deles, para lhe dizer o seu amor, até à nonagésima nona árvore. Depois disso não voltou mais. Tinha provado a si mesmo que estava à altura do desafio. Desse bosque, aquela árvore junto à estação de serviço era a única que restava, qual elo que liga a história de uma Quioto sublime, que já não existe, à Quioto da especulação comercial, como uma ponte entre dois tempos e duas civilizações.

Por sua vez, no México, perto de Oaxaca, Calvino visitou o ser vivo mais idoso que jamais vira, a árvore de Tule — dois mil anos de idade, 40m de altura, 42m de perímetro, segundo a guia. O *Taxodium distichum* faz-lhe ver que devia refazer o conceito de árvore que lhe tinha permitido unificar todas as espécies lenhosas

que até então apreciara. A árvore de Tule não possuía uma forma definida, era um monstro que crescera sem um plano. Um tronco uno e ao mesmo tempo múltiplo era envolto por colunas de outros troncos que se juntavam e se separavam do mastodôntico fuste central; raízes terrestres levantavam-se do solo, crescendo verticalmente. A morfologia mudara as suas funções. Mas as árvores são aquilo que são e esse desperdício caótico de matéria e de formas era o modo como a árvore sobrevivia há séculos. O seu sentido residia no excesso com que se manifestava, contrariando o racionalismo de quem, como Calvino, entendia que só resiste o que se concentra numa finalidade.

Tanto os toros perfeitos que sustentam os cartazes da auto-estrada, denunciando a incapacidade de organizar espaços e recursos, como a variedade do arvoredo que faculta ao barão trepador um olhar mais agudo; tanto a árvore-*unicum* que, em Quioto, concentra em si mesma diálogos com tempos e culturas imemoriáveis, como o caos da não-finalidade que em Tule se resolve numa proliferação redundante — mostram que as árvores, ao serem aquilo que são e por serem aquilo que são, se erigem em sinais vivos da heterogeneidade e dos seus valores. De uma forma ou de outra, é nessa multiplicidade complexa, rica e reticulada que o racionalismo e o empirismo de Calvino encontram resolução para ramificações e enraizamentos que nunca se separam de um fuste, entre ordem e mutação das espécies.

A heterogeneidade da paisagem, com a multiplicidade de espécies arbóreas e de vínculos humanos que nela se entrelaçam, é o recurso que permite construir redes de símbolos em que as árvores são só aquilo que são.

Bibliografia

- ALMEIDA, A.C. (2006). Paisagens: um património e um recurso. In: R. Jacinto, V. Bento, et al. (Eds.), *O interior raiano do Centro de Portugal. Outras fronteiras, novos intercâmbios* (31-42). Porto: Campo das Letras & Guarda: CEI.
- CALVINO, Italo (2001). *Romanzi e racconti*. Pref. Jean Starobinski. Ed. Mario Barenghi et al., 3 vols. Milano: Arnoldo Mondadori.
- MARNOTO, Rita. O último poema de amor à cidade. In Rita Marnoto (Ed.). *Ut pictura poesis* (91-126). Coimbra: Cauc.